

ANTILITERATURA E ANTITRADUÇÃO

NATHALY SILVA NALERIO¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹Universidade Federal de Pelotas – nsnalerio@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, a tradução é uma prática que desempenha um papel importante na comunicação e troca de saberes entre culturas. No entanto, o texto traduzido e a figura do tradutor foram (e são) alvos de críticas constantes que, por um lado, colaboram para o aprimoramento e evolução dessa prática, que está sempre em busca de estratégias mais eficientes. Por outro lado, algumas críticas parecem apenas querer invalidar a prática de tradução, colaborando para a desvalorização da profissão e para a desconfiança de seu público-alvo. Será que certas críticas carregam traços de um ódio à tradução?

Em *Ódio à literatura: uma história da antiliteratura* (2019), William Marx aborda como a literatura, principalmente a poesia e os poetas, vêm recebendo ataques cílicos desde a Grécia Antiga. MARX (2019) observa quatro litígios principais: o da autoridade, o da verdade, o da moral e o da sociedade. Ele aponta que ao longo da história a literatura é considerada um discurso não confiável e enganoso, sofrendo ataques de um grupo a que ele denominou de antiliteratura. O tecido criativo que cobre o texto literário, tornando-o não transparente, um texto que tem várias camadas de sentido e que muitas vezes opera com a ambiguidade e a metáfora, é contraposto pela antiliteratura a outros discursos que são considerados mais claros e confiáveis, como o filosófico ou o científico. Além de não confiável, a antiliteratura ainda aponta para a inutilidade do discurso criativo, principalmente da poesia.

Literatura e tradução (e na mesma medida escritores e tradutores) encontram-se profundamente relacionados pela desconfiança gerada por seus textos, bem como pela sua inferiorização diante de outros discursos. Por isso, o presente trabalho tem como objetivo relacionar os ataques sofridos pela tradução com os litígios antiliterários observados por MARX (2019). Pretende-se, também, elencar os principais litígios usados pelo que optou-se chamar de antitradução: secundariedade, invisibilidade, infidelidade e intraduzibilidade. A partir desses litígios, busca-se resgatar os principais ataques realizados ao texto traduzido e à figura do tradutor, principalmente na área da tradução literária.

Por fim, este trabalho reflete sobre algumas dicotomias comumente relacionadas à tradução, tais como autor *versus* tradutor e original *versus* tradução, discutidas com os aportes de LARANJEIRA (2003), além da dicotomia de fidelidade *versus* liberdade, a partir de KAHMANN (2017). Também é trazida para a discussão teórica as noções de invisibilidade do tradutor de VENUTI (2021).

2. METODOLOGIA

A partir da leitura de MARX (2019), e de sua conceituação de Antiliteratura, observou-se um movimento de ódio muito semelhante com respeito à tradução e, principalmente, à tradução literária. Ao ver que MARX (2019) realizou um estudo histórico e, a partir dele, categorizou quatro litígios principais utilizados pela Antiliteratura, este trabalho propõe a realização de um discussão similar, em estágio inicial, não só a partir das considerações sobre antiliteratura propostas pelo autor, mas também a partir do campo dos Estudos da Tradução e das principais críticas que giram em torno do texto traduzido, observadas a partir de autores como LARANJEIRA (2003), KAHMANN (2017) e VENUTI (2021). Os quatro litígios utilizados na discussão – secundariedade, invisibilidade, infidelidade e intraduzibilidade – foram escolhidos por serem os ataques mais antigos e, ao mesmo tempo, os mais permanentes. Em outras palavras, são ataques conhecidos na história da tradução mas que também perduram como mitos que assombram a prática e deteriora a sua imagem, causando desconfiança e até mesmo desvalorização do tradutor no mercado de trabalho (VENUTI, 2021). Por isso, o trabalho foi dividido em subcapítulos discutindo os litígios da tradução, relacionando-os com as discussões de Marx (2019) e, ao mesmo tempo, relacionando um litígio com o outro, algumas vezes em uma relação de efeito e consequência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro litígio elencado por MARX (2019), da autoridade, é observado desde a Grécia Antiga, com a valorização da figura do filósofo, como alguém virtuoso e confiável, e desautorização da figura do poeta, como alguém enganoso e perigoso. Há, nesse caso, uma disputa de autoridade entre dois discursos – filosofia e poesia – que mais tarde é observada novamente entre literatura e as ciências humanas/ ciências duras. O segundo litígio, da verdade, contribui para o enfraquecimento da autoridade da literatura, pois a julga um discurso mentiroso. Ao mesmo tempo, o problema com a verdade alimenta o terceiro litígio elencado por Marx, o da moral. Pois ao ser visto como um discurso mentiroso, a literatura é considerada também danosa e imoral. No último litígio, o da sociedade, MARX (2019) observa que o ataque relaciona-se com o status da literatura a partir de vieses políticos, religiosos e culturais e sua decorrente censura por parte de instituições como a Igreja, o Estado e a Escola.

Observa-se que os ataques e litígios utilizados pela antiliteratura relacionam-se com os litígios da tradução. Primeiramente, o texto traduzido e o tradutor também passam por um problema de autoridade. As dicotomias *original versus* tradução e autor *versus* tradutor, apontam para o litígio da secundariedade, em que o texto traduzido é visto como inferior em comparação ao original. Entende-se com LARANJEIRA (2003) que, historicamente, se alçou o texto original a um pedestal, como um texto completo e perfeito. Enquanto a tradução foi vista como um texto incompleto, com mudanças, ganhos e perdas resultantes das escolhas realizadas pelo tradutor em sua negociação entre culturas (ECO, 2007). Aqui também a tradução é relacionável com o litígio antiliterário da verdade, pois essas dicotomias apontam o original e o autor como detentores da verdade completa do texto, enquanto a tradução é resultante da interpretação e conhecimentos linguísticos e culturais do tradutor (bem como familiarização sobre o estilo e obra do autor no

caso da tradução literária), o que costuma ser visto com desconfiança pela antitradução.

Relaciona-se também com o litígio da secundariedade (e da verdade) o litígio da infidelidade da tradução. Como escolhas precisam ser feitas em qualquer processo de tradução, visto que duas culturas e públicos-alvo diferentes estão sendo articulados pelo tradutor a fim de se gerar um produto final comprehensível na língua-alvo, sempre haverá uma medida de afastamento do original na tradução, o que historicamente foi visto como uma forma de infidelidade.

Diante desse cenário, a maior autoridade sob o texto geralmente é concedida ao autor e não ao tradutor, o que ocasiona em sua invisibilidade como será visto no próximo litígio. VENUTI (2021) aponta que as traduções domesticadoras, aquelas que aproximam o texto traduzido da cultura-alvo a partir de estratégias de apagamentos da cultura-fonte em prol da fluidez, são responsáveis também pelo apagamento do tradutor, ou de sua invisibilidade. A abordagem domesticadora, que é a preferida do leitor estadunidense (VENUTI, 2021), por exemplo, torna o texto tão fluído que confunde o leitor, que passa a imaginar que está diante de um texto escrito na sua própria língua, e não uma tradução. Esse apagamento do tradutor ocasiona na sua desvalorização e não reconhecimento, não tendo seu nome na capa e ganhando cada vez menos.

Por fim, o litígio de intraduzibilidade é aliado aos litígios da verdade e da fidelidade, ao apontar para as perdas como provas de um fazer impossível ao qual o tradutor estaria submetido.

4. CONCLUSÕES

A partir desta análise, é possível inferir que muitas das críticas direcionadas à tradução podem ser compreendidas à luz das premissas da antiliteratura. Por outro lado, embora tanto a literatura quanto a tradução sejam historicamente subestimadas e alvo de acusações, ambas demonstram uma notável capacidade de oferecer novas perspectivas aos seus leitores, seja por meio da criação de universos que incitam à reflexão, seja pelo enriquecimento cultural proporcionado por traduções estrangeirantes. Ambas se configuram como ferramentas poderosas para subverter a ordem de dominância e subalternidade. Ademais, observa-se que tanto escritores quanto tradutores, ao terem suas práticas desvalorizadas pela sociedade, enfrentam profissões economicamente instáveis, o que explica por que raramente conseguem viver exclusivamente de sua atividade principal, sendo obrigados a explorar outras funções e até mesmo competir pelos mesmos espaços no mercado de trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ECO, U. **Quase a mesma coisa**: experiências de tradução. Tradução de Eliana Aguilar. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

KAHMANN, A. C. **O Brasil lê María Luisa Bombal**: o sistema e suas traduções. 2017. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2017.

LARANJEIRA, M. **Poética da tradução**: do sentido à significância. São Paulo: EDUSP, 2003.

MARX, W. **Ódio à literatura**: uma história da antiliteratura. Tradução de Humberto Pereira da Silva. 1. ed. Jundiaí [SP]: Paco Editorial, 2019.

VENUTI, L. **A invisibilidade do tradutor**: uma história da tradução. Tradução de Laureano Pellegrin et al. São Paulo: Editora Unesp, 2021 [1995].